

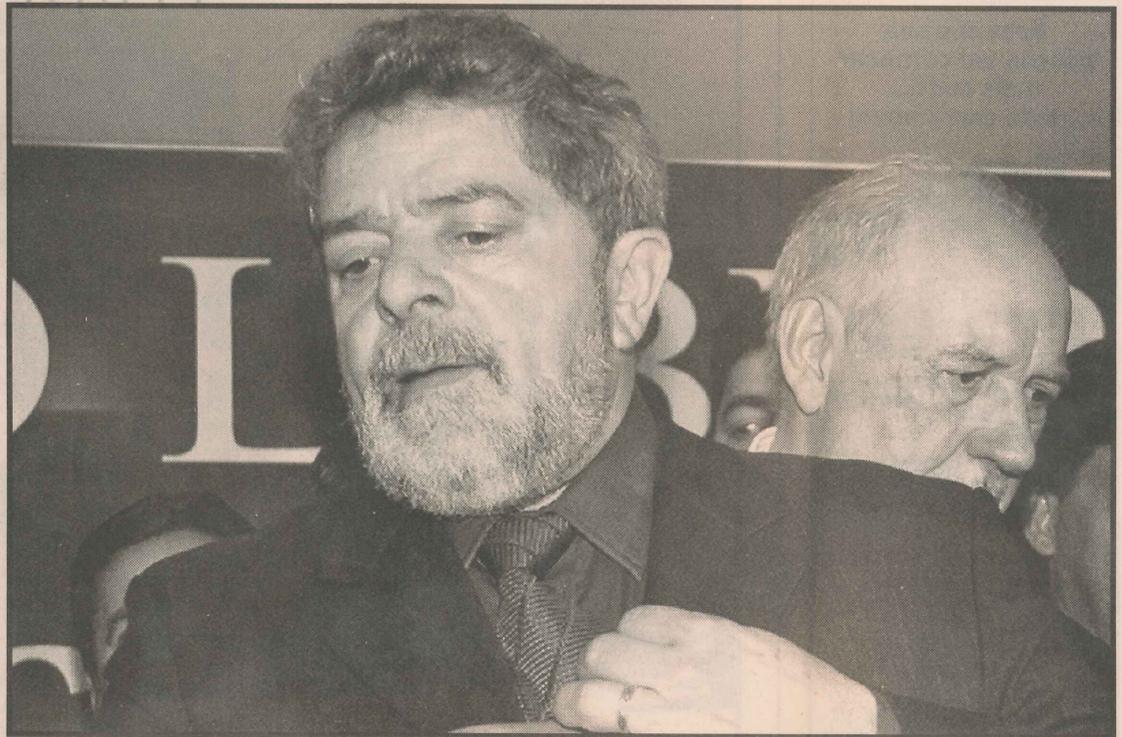
Lula completa 100 dias e economia é o destaque

Governo federal avança até na política, sem a sangria econômica da Argentina

Brasília - Às vésperas de completar 100 dias de Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o Brasil continua sendo o Brasil e não há sombra de uma situação de sangria econômica como a da Argentina. Ao contrário das previsões de adversários e de muitos economistas, a administração da economia tem sido o ponto forte do Governo Lula.

O ministro Antônio Palocci virou símbolo do Governo petista e fiador do país nos mercados internacionais ao elevar a meta de superávit primário e manter uma política de juros realista. "Os 100 dias do Governo do PT são surpreendentes. O lado positivo supera largamente o negativo. A política econômica é caracterizada pela responsabilidade. Por mais que o PT e os principais ministros de Lula queiram negar, a política econômica de Lula é a mesma de Fernando Henrique", diz o economista Mailson da Nóbrega, da consultoria Tendências.

Apontada como um dos prováveis pontos fracos do Governo, a articulação política deu a volta por cima na semana passada, mostrando que pode se transformar num ponto forte. Com uma base pluripartidária, formada por



Reuters

Balanço

O presidente Lula conseguiu fazer com que a administração da economia seja um ponto forte do seu Governo. Há problemas, no entanto, na área social

sete partidos aliados (PT, PCdoB, PPS, PSB, PDT, PTB e PL) e dois partidos próximos (PMDB e PPB), e uma agenda política ampla baseada nas reformas da Previdência e tributária, o presidente Lula também demonstrou capacidade de governabilidade.

Emenda

Ao aprovar a emenda ao artigo 192 da Constituição, de autoria de seu adversário no segundo turno das eleições presidenciais, o tucano José Serra, o Governo Lula abriu caminho para uma relação fraterna com os partidos de oposição. Mas se o risco-Bra-

sil caiu, o dólar está domado e a inflação sob controle, o Governo petista patina justamente na área que sempre foi sua grife: o social.

O programa Fome Zero, carro-chefe dos programas sociais, não deslanchou e já está sendo criticado por especialistas internacionais, como o vice-presidente do Bird, David de Ferranti. Sua avaliação é de que custa muito caro organizar programas de distribuição de alimentos e gera distorções exigir comprovantes de gastos.

"É preciso confiar nos pobres", disse Ferranti, segunda-feira passada, durante

reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. O presidente da CNBB, Dom Jayme Chemello, vê uma dose de ingenuidade no Governo, que imaginou que poderia implantar de afogadilho um projeto ambicioso como o Fome Zero.

Apesar dos tropeços, as pesquisas mostram que Lula continua em lua-de-mel com o eleitor. Pesquisa CNI/Ibope divulgada semana passada revelou que 80% dos entrevistados confiam no presidente Lula e que seu Governo é considerado ótimo ou bom por 51% dos entrevistados. (AG)

■ QUEM SOBE

- ANTÔNIO PALOCCI (FAZENDA) - Domou o mercado: dólar e risco-Brasil estão em queda. Está tendo sucesso também como um bom comunicador das teses econômicas do Governo.

- JOSÉ DIRCEU (CASA CIVIL) - O superministro tem transitado em todas as áreas, de transgênicos à Fórmula 1. Foi peça decisiva no primeiro grande teste do governo no Congresso.

- MÁRCIO THOMAZ BASTOS (JUSTIÇA) - Amigo de Lula e José Dirceu, tem enfrentado o problema da Segurança Pública, assumindo o tema como uma responsabilidade do Governo federal.

- ROBERTO RODRIGUES (AGRICULTURA) - Fora do círculo petista, o ministro ganhou a guerra dos transgênicos e escolheu a safra brasileira. Suspendeu o embargo da Rússia à carne suína brasileira.

- MIRO TEIXEIRA (COMUNICAÇÃO) - Comprou briga com as concessionárias de telefonia para reduzir as tarifas. Sua próxima meta é desenvolver um padrão tecnológico brasileiro para a TV digital.

■ QUEM DESCE

- BENEDITA DA SILVA (AÇÃO SOCIAL) - A ex-governadora do Rio não disse ainda a que veio. Sem orçamento, não consegue dar qualquer visibilidade às ações sociais de sua pasta.

- MIGUEL ROSSETTO (DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO) - Nem as polêmicas indicações de nomes do MST para o Incra foram capazes de conter a explosão de invasões de terra no país.

- OLÍVIO DUTRA (CIDADES) - Lançou programas elogiados, como a legalização de propriedades em áreas carentes, mas não pôde viabilizá-los ainda. Já disse que seu orçamento é virtual.

- ROBERTO AMARAL (CIÊNCIA E TECNOLOGIA) - Defendeu a pesquisa sobre a bomba atômica no país e não saiu do lugar. Teve problemas políticos na montagem da equipe de seu ministério.

- JOSÉ GRAZIANO (SEGURANÇA ALIMENTAR) - Não conseguiu evitar que o programa se enrolasse na burocracia. Está sempre na defensiva e é criticado pela inabilidade e pela lentidão na condução do Fome Zero.

Petistas reavaliam conceito de oposição

Brasília - Não foram necessários nem mesmo 100 dias de Governo para que petistas da cúpula do partido e do Governo Lula fizessem mea-culpa, admitindo erros e excessos na atuação como oposição ao Governo Fernando Henrique e recorrendo a medidas que criticaram duramente nos últimos anos.

O PT, desde a posse, já aumentou os juros duas vezes, alcançou um superávit primário acima do previsto cortando gastos e investimentos, concedeu aumento modesto para o salário-mínimo e avisou aos servidores públicos que a reposição das perdas salariais ficará para depois.

Ministros como o da Fazenda, Antônio Palocci, e da Previdência, Ricardo Berzoini, repetem nos diferentes embates com os adversários: não há problema algum em reconhecer erros da vida política ou pessoal.

O presidente da Câmara,

João Paulo Cunha (PT-SP), chegou a afirmar que a reforma da Previdência não foi aprovada no Governo passado por pura disputa política da oposição. O líder do Governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-S), também admitiu, em pelo menos duas ocasiões, que o PT errou ao não apoiar as reformas no Governo FH. Ele não aceita, porém, a responsabilidade pela não-aprovação delas.

Para o senador tucano Romero Jucá (RR), o PT tem feito mea-culpa para ter condições morais de defender e votar mudanças que sempre criticou: "O Governo está descobrindo o quanto é difícil ser Governo e jogar com as limitações da realidade operacional. Quando se é oposição, joga-se com os sonhos", disse.

O presidente do PPS, Roberto Freire (PE), faz uma análise histórica da trajetória do PT e comemora o que considera uma revisão. (AG)

Principal meta é controlar a inflação

Brasília - A resposta da economia nos primeiros 100 dias do Governo Luiz Inácio Lula da Silva, ao que a equipe econômica chamou diversas vezes de "remédio amargo", acabou se mostrando melhor do que o esperado. A equipe econômica se empenha para manter o controle das contas públicas e da inflação, criando as bases para finalmente conseguir pôr em prática o Plano U (de único), que prevê crescimento com distribui-

ção de renda, diz o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Bernard Appy.

"Estamos criando condições, pela primeira vez na História recente do Brasil, para termos uma política de crescimento e macroeconômica calibradas", afirma Appy. Mesmo contrariando a ala mais radical do PT, em pouco mais de três meses a equipe econômica aumentou a taxa de juros básica da economia de 25% ao ano para 26,5% e,

depois da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), anunciou o viés de alta, ou seja, o aviso de que podem voltar a elevar os juros a qualquer momento.

Também subiu a meta de superávit primário de 3,75% para 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB), que é soma de todas as riquezas produzidas no país, exigindo um aperto de nada menos que R\$ 68 bilhões nas contas públicas este ano. No mesmo período, o

ministro Antônio Palocci reiterou mais de uma vez o compromisso com o ajuste fiscal e a meta de inflação que, mesmo tendo passado de 6% para 8,5%, continua existindo.

As equipes do Ministério da Fazenda e do Banco Central, presidido por Henrique Meirelles, diminuíram a quantidade de dinheiro que circula na economia com o aumento dos depósitos das instituições financeiras no BC (AG).